

SUPER AUDIO CD VI

Mori san

Yoshihisa Mori é o intelectual de serviço na Sony, o guru que fala do som e da música por parábolas, para que os discípulos entendam que deve colocar-se a arte antes do negócio

TEXTO DE JOSÉ VICTOR HENRIQUES

PENSEI QUE TINHA ESCRITO O ARTIGO DEFINITIVO sobre a dicotomia SACD/DVD Audio, e que as vantagens e desvantagens de um e outro dos novos formatos tinha ficado clara. Mas o correio electrónico sobre o assunto prova que a dúvida persiste, insidiosa, no espírito dos leitores audiófilos. Na gíria dos jogos de cartas, costuma dizer-se que «na dúvida, paus»; ou seja: na dúvida, mantenha-se fiel ao CD, embora o SACD se paute, na minha humilde opinião, como o «Ás de Ouros» dos formatos de áudio puro.

É esta ideia de pureza original que a Sony pretende transmitir uma vez mais, num notável artigo da autoria de Yoshihisa Mori, intitulado «A História do Super Audio CD, Em Busca do Mundo da Musa», que me chegou às mãos na versão em inglês, traduzida e adaptada do japonês. São 16 páginas de história, tecnologia e poesia, pela mão de uma das mais surpreendentes personalidades do mundo do áudio que já tive oportunidade de conhecer pessoalmente.

Sabem que entendo a alta fidelidade, não como um conjunto de objectos de consumo, mas como reflexos de alma dos seus criadores. Ora essa relação objecto/sujeito é difícil de estabelecer quando o fabricante é uma multinacional sem rosto. Até nesse pormenor a Sony teve o cuidado de «dar a cara». Melhor, de «dar uma cara».

Mori san, que tem extraordinárias semelhanças físicas com John Lennon, é um audiófilo em estado puro, que tem do som a mesma visão poética que eu tenho. O som como algo que tem, não uma função física, mas antes um princípio activo emocional. O SACD tem a particularidade – que só não é única porque sempre esteve presente no LP – de nos reconciliar com a música ao nível espiritual, porque o cérebro não precisa de estar em alerta permanente para tentar descodificar no conteúdo das «amostras» a substância do todo, como sucede com o PCM (CD).

Esta capacidade sinestésica de nos emocionarmos com sons, que têm cheiro e gosto e vão ao ponto de serem palpáveis, escapa ao comum dos mortais e, talvez por isso, o SACD não seja ainda o sucesso comercial que devia ser, um ano depois da sua introdução no mercado.

«A superior qualidade do som do SACD é a nossa contribuição para a cultura musical. E uma responsabilidade que assumimos peran-

te a humanidade. Não se trata de uma nova guerra entre formatos. Assim como há pessoas que sabem distinguir um Grand Cru de um vinho vulgar, assim também há pessoas que sabem ouvir a diferença entre sons aparentemente iguais», escreve Mori.

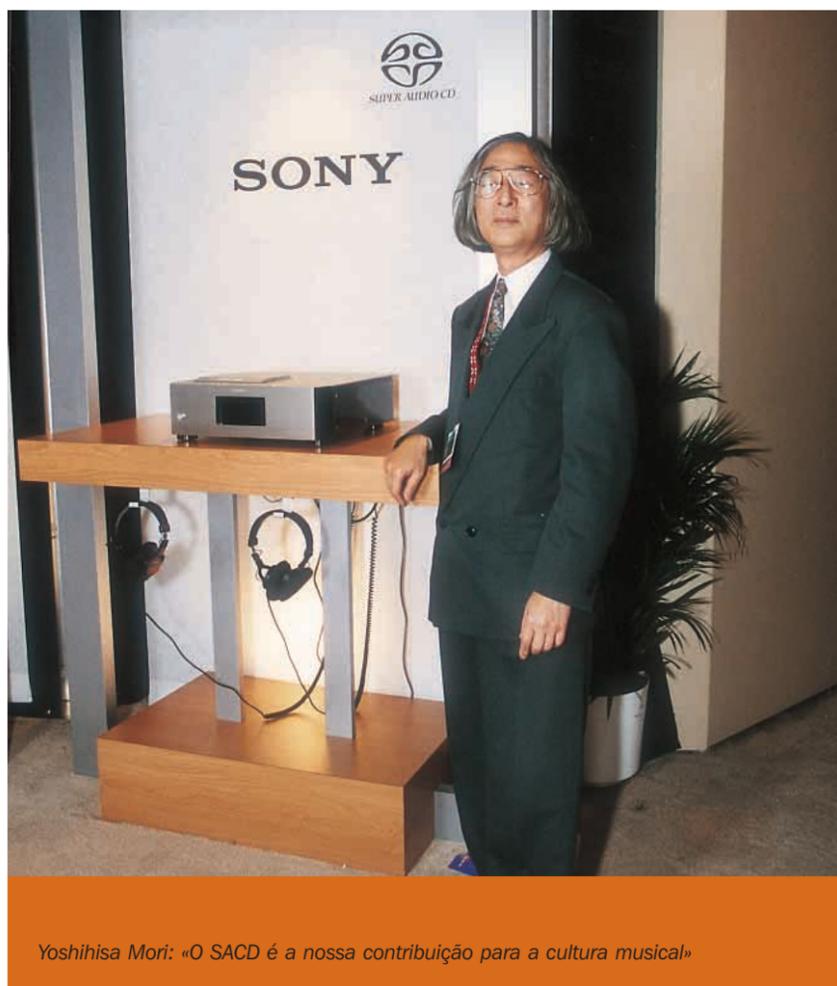
«Um dia Yuko Sato, uma famosa violinista e cantora japonesa, visitou-nos», conta-nos o mestre. «Fizemos um registo em DSD de uma peça de Bach, que ela tocou num Stradivarius e num Guarnerius, colocando a mesma alma e o mesmo empenho interpretativo em ambos os casos. Pois a diferença entre os instrumentos era de tal modo óbvia que Yoko Sato disse: "Toda a vida tentei que uma gravação conseguisse captar não apenas os sons, mas também a expressividade que pretendi inculcá-lhes. Finalmente, esse sonho realizou-se"».

Tal como eu, Yoshihisa Mori serve-se de metáforas para melhor descrever algo cuja complexidade técnica é incompatível com os conhecimentos médios do público alvo:

«O PCM (CD e DVD-Audio) é como uma janela através da qual se vê a paisagem lá fora. De dentro da sala, a paisagem só pode ser vista "aos quadradinhos". Aumentar a resolução corresponde a aumentar o tamanho da janela, mas ela continua lá, claro. Vê-se melhor a paisagem, mas não é possível sentir a brisa fresca, o cheiro da terra molhada. A ideia inicial da Sony era eliminar a estrutura da janela, apenas, mantendo todavia o vidro. A coisa evoluiu de tal maneira que demos connosco a eliminar a janela completamente: agora a paisagem pode ver-se e sentir-se. A musa sorriu-nos. Experimente você também».

Quando conheci Mori, por ocasião de uma visita a Portugal, percebi que estava perante um espírito superior. Saber que é ele que dá a cara pelo SACD, em nome da Sony, só prova que este fantástico formato áudio digital não é um projecto comercial – é a concretização de uma filosofia que tem a música como dogma e a felicidade do homem como objectivo. Há no mundo espaço para todas as crenças, incluindo a dos videófilos, que – incapazes de criar as suas próprias imagens mentais – defendem que a cada som deve corresponder uma imagem digital. Como nos livros aos quadradinhos.

Mas deixar que a barbárie ignorante destrua o SACD em nome de uma aceitação tácita das exigências de um mercado maioritário, é o mesmo que aceitar a destruição das estátuas de Buda pelo fundamentalismo dos taliban. ■



Yoshihisa Mori: «O SACD é a nossa contribuição para a cultura musical»